POS-MODERNISMO E POS-ESTRUTURALISMO: DOS IMPOSTERGAVEIS NA TEORIA FEMINISTA

POS-MODERNISM AND POST STRUCTURALISM: IMPOSTERGAVEIS IN FEMINIST THEORY

María Antonia Miranda González[1]

Resumo: O artigo[2] tenta se posicionar dentro dos debates sobre epistemologias feministas pós-modernas, de teóricas como: Judith Butler e Jane Flax. Propõe a idéia de que existem vestígios do pós-moderno que funcionam como bases fundadoras do pensamento pós-estruturalista. Trabalha com as categorias de diferença e discurso para pensar a narrativa de mulheres latino-americanas no caso das autoras: Nélida Piñón, Gloria Anzaldúa, e Isabel Allende.
Palavras chaves: diferença, narrativa, escritoras latino-americanas, pós-estruturalismo, pós-modernismo.

Abstract: The article attempts to position itself within debates on postmodern feminist epistemologies, such as Judith Butler and Jane Flax. It proposes the idea that there are vestiges of the postmodern that function as founding bases of poststructuralist thinking. It works with the categories of difference and discourse to think the narrative of Latin American women in the case of the authors: Nélida Piñón, Gloria Anzaldúa, and Isabel Allende.
Keywords: difference, narrative, Latin American writers, post-structuralism, postmodernism.

ESSA QUESTÃO PÓS-MODERNA!

> O homem como os outros animais, tem medo e é repelido pelo que ele não entende, e uma simples diferença é capaz de conotar algo maligno (WALKER, 1979, p. 169).

[1] Doutora em Estudos Interdisciplinares Mulheres, Gênero e Feminismo. Investigadora Agregada Instituto de Investigación Cultural Juan Marinello (sociologymara@gmail.com).

[2] O artigo retoma e desenvolve capítulos da tese de doutorado: "Gênero e Literatura nos contextos imaginados de América Latina: Uma leitura política à narrativa de Nélida Piñon e Isabel Allende", (2016) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia sob orientação da professora Dra. Nancy Rita Ferreira Vieira.

> Fico pensando: eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita (ANZALDÚA, 2000, p.233).

Estávamos sentadas na sala de aula, em diferentes posições, quando ela pediu uma moeda, "para que a moeda?" - rimos, "só para pôr o seguinte exemplo"- explicou, segurando-a entre os dedos. Estava no meio da sala e perguntou para as pessoas à sua frente: "O que vêem?". "Uma linha, o canto, quase nada" - foram as respostas. Repetiu a pergunta para as pessoas à esquerda e à direita, respectivamente: - "O que vêem vocês"?- "Uma circunferência, um círculo, a cara da moeda. "Como podem apreciar" - continuou- "cada uma das respostas depende das diferentes posições a partir das quais a moeda é observada, de igual maneira podemos dizer que o conhecimento é situado, que se produz e se apreende em dependência de nossas posições, já que temos diferentes perspectivas". Apesar de entender o exemplo fiquei na maior dúvida. O que estava representando em si a moeda?

E ao mesmo tempo uma pergunta mais forte, por que estou duvidando deste exemplo? Será que estamos seriamente enquadrados em posições epistemológicas que não nos permitem variar o ponto de vista? Será que estamos plenamente cientes dos lugares cognitivos a partir dos quais construímos nossos discursos científicos e falar do contrário nos converterá automaticamente em ecléticos/as perigosos/as?

A idéia do eclético remete-me de imediato à construção de um tempo ou etapa singular que se oferece como medida dos rumos em que a complexidade social se apresenta: a pós-modernidade.

Quando escolhi escrever sobre pós-modernismo como o primeiro dos *pós* que tenta abordar este artigo, estava ciente do profundo desprezo que desperta em muitos âmbitos acadêmicos e principalmente entre os/as feministas, ciente das suas escassas críticas favoráveis, e, sobretudo das desfavoráveis que parecem ser a maioria. Não obstante, o pós-modernismo tem-me ensinado algumas lições que gostaria de aqui compartilhar, muito mais com aqueles que permanecem interessados/as na transformação da vida de pessoas em situações não só de vulnerabilidade social e desempoderamento, senão em situação de deixar de serem considerados/as pessoas, no centro de fobias que levam a morte, no centro de políticas que restringem ou curtam seus direitos como seres humanos.

E muitos pensarão: que ligação é essa entre a morte, os direitos e as teorias dos pós? A ligação é uma relação de pensamento, de

planificação antes da ação, de empoderamento antes do que exercício de "poder", de trabalho acadêmico sempre ao interior de qualquer movimento, de ideologia, de apresentação das formas, mecanismos, tecnologias, aparatos e canais que levam o pensamento até as formas de discriminação social, subordinação e violência.

Com isto estou querendo apresentar a revolução que representam os pós, em termos de pensar-nos, os novos ingredientes que colocam na visão do "real" e concretamente como afetam a concepção de epistemologia ou como contribuem a uma epistemologia feminista, apesar das críticas, e o que pode se resgatar dos pós, frente ao objeto literário: narrativa das mulheres latino-americanas.

Sendo esta uma narrativa que no caso de Nélida Piñón[3] revitaliza os mitos do mundo ocidental, e recupera identidades latino-americanas próprias do nosso imaginário cultural, mas ausentes das matrizes discursivas privilegiadas (VIANNA, 2011).

Em 1870, o termo pós-modernismo é usado pela primeira vez no contexto da crítica de arte. E segundo Lyotard (um dos seus mais reconhecidos representantes), pode ser definido como uma questão de incredulidade em relação à metanarrativas: Metanarrativas são histórias singulares, abrangentes, que tentam resumir a totalidade da história humana ou que buscam incluir todo o nosso conhecimento em um único sistema (DOUGLAS, 2011, p. 299).

Como assinala Michèlle Barrett (1999) vale a pena recapitular alguns dos contextos em que é usado o termo, já que em termos filosóficos e sociológicos se preenche de conteúdos relativos á revolução micro-eletrônica, capitalismo pós-industrial, globalização da comunicação e dos sistemas de informação, estratégias estéticas e formas culturais, etc. Não obstante, o que tem impactado no feminismo é a rejeição dos grandes projetos do iluminismo racionalista, incluindo tanto os sistemas de pensamento, marxistas quanto os liberais.

[3] Nélida Piñon: Formou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e foi editora e membro do conselho editorial de várias revistas no Brasil e no exterior. Recebeu entre outros prêmios internacionais: Prêmio Simon Dawidowitz (Estados Unidos, 1992). Premio de Literatura Latinoamericana y del Caribe Juan Rulfo (Guadalajara, México, 1995). Premio Woman Together (Estados Unidos, 2006). Premio Literario Casa de las Américas (Cuba, 2010). Premio Internacional Terenci Moix de Literatura, Cinematografía y Artes Escénicas (España, 2010).
Ela conta como uma das escritoras que tem como uma característica da sua ficção a reavaliação do papel da mulher na história o que pode se atribuir ás mudanças gerais que ocorreram a partir dos movimentos de liberação da mulher na America Latina.

Por outro lado, autoras como Jane Flax (1992) consideram o pós-moderno como modos de pensar que estão paralelamente constituídos por crenças do Iluminismo e a exposição das suas falências[4]. Muitas vezes é entendido como reação cultural ou perda da confiança no potencial universal dos postulados iluministas, incluindo: "uma rejeição à tentativa de colonização pela ciência das demais esferas culturais, o que vem acompanhado do clamor pela liberdade e heterogeneidade, que haviam sido suprimidas pela esperança de objetividade da razão" (CHEVITARESE, 2001, p.11 apud DOS SANTOS, 2011, p. 38).

Assim, entre os princípios iluministas contestados pelo pós-modernismo encontramos os referentes à existência de um sujeito estável. Um "eu" coerente e racional. Contesta o papel da razão e a ciência como garantias do conhecimento objetivo, verdadeiro e universal, e a visão da razão como transcendental, atemporal, não histórica. Também o princípio de neutralidade do conhecimento e a ciência como paradigma de todo conhecimento verdadeiro, neutra nos métodos, conteúdos e benéfica nos seus resultados. Rejeita a noção de que a linguagem é transparente e da correspondência perfeita entre a palavra e o objeto nomeado[5]:

> A questão do pós-modernismo é certamente uma questão, pois existe, afinal, algo chamado pós-modernismo? É ele uma caracterização histórica, um certo tipo de posição teórica, e o que significa para um termo que descreveu certa prática estética ser agora aplicado à teoria social e, em particular, à teoria social e política feminista? Quem são esses pós-modernistas? (BUTLER, 1998, p. 13).

Adriana Piscitelli (2005) expõe como para diferentes pensadoras do feminismo o termo contém incongruências: "Varikas também discute as incongruências da utilização do termo (pós)modernismo, que, ao mesmo tempo que propõe a crítica de uma temporalidade linear não consegue deixar de ter afinidades com essa mesma visão linear do tempo" (PISCITELLI, 2005, p. 146).

[4] "Jane Flax considera importante a formulação de um pensamento pós-moderno, tido por ela como modos de pensar "parcialmente constituídos por crenças do Iluminismo [mas, que] ao mesmo tempo oferecem idéias e percepções que só são possíveis em razão da falência das crenças do Iluminismo sob a pressão cumulativa de eventos históricos [...]" (1991, p. 217; 218 apud DOS SANTOS, 2011, p. 36).

[5] Interessante para passar ao pós-estruturalismo.

Já, bell hooks, por exemplo, questiona a linguagem cifrada em que se expressa por considerar que está codificada segundo interesses específicos de um tipo de audiência que alija as vozes das pessoas negras, deslocadas, marginalizadas: "Intelectuais do Terceiro Mundo assinalam que esses debates marginalizam, mais uma vez, o conhecimento das feministas nativas, sufocando outro tipo de aproximação" (PISCITELLI, 2005, p. 149). Além disso, encontramos autoras que opinam que:

> Produzir uma transformação real, que só pode vir com a transformação das práticas sociais patriarcais. O pós-modernismo não teorizou este tipo de responsabilidade; não tem estratégias de resistência real que correspondam às feministas. Não pode ter. Este é o preço a pagar por essa incredulidade em relação à metanarrativa (DOS SANTOS, 2011, p.50).

Entretanto as metanarrativas conhecidas tampouco teorizaram sobre este tipo de responsabilidade por ser em princípio uma elaboração androcentrista, produzida por homens, e estudadas desde dentro para nos ajudar na transformação da "realidade". Ainda assim, deve-se considerar que:

> O pensamento moderno foi extremamente útil ao feminismo por permitir a noção de "uma experiência comum das mulheres" generalizável a partir da vivência de gênero e coletivamente compartilhada através das culturas e da história (SORJ, 1992, p.16 apud DOS SANTOS, 2011, p. 33).

O pensamento pós-moderno opera dentro dessa lógica moderna, mostrando a dificuldade de englobar as mulheres numa única experiência comum e generalizável. Por outro lado, oferece um ponto de vista interessante para aquilo que chamamos de "real". Nesse sentido, vou me aproximando um pouco do meu objeto de estudo, o literário, para dar conta de como no caso da América Latina o pós-moderno pode se sintetizar numa expressão eloqüente: o *realismo mágico*. Esta simbiose que chamo de pós-moderna explica um dos postulados que desconstroem a ciência como uma produção neutra, mas devemos entender que essa pretendida neutralidade não se referia somente aos valores "subjetivos". Mais do que isso, funcionava como limite para a

distinção da arte e da ciência, do "real verdadeiro" e o seu contrário, a ficção.

O que entendemos como real é muitas vezes a concretização a cristalização de práticas que se instauram como efeitos, conseqüências de múltiplos fatores. Não pretendo com isso recriar uma relação de causalidade, mas afirma haver um "antes", mas esse "antes" é dialético. Há um acúmulo de projeções, lutas entre diferentes campos e capitais simbólicos, para usar uma expressão de Bourdieu (1999), que levam à construção social da realidade, como uma construção também ficcional. É o intento pós-moderno de apagar esse limite e mostrar como operamos com ele a conveniência que me faz pensar na utilidade do fantasmagórico como uma dimensão diferente dos fantasmas da psicanálise, e fora do estruturalismo lacaniano que critica Fraser (1997) [6]. Ao mesmo tempo isto só pode ser compreensível dentro da ruptura com uma visão linear dos acontecimentos históricos, e com a própria definição de história. O que tem sido útil, em termos epistemológicos, para aquelas feministas ocupadas com o objeto: a história das mulheres.

É preciso ressaltar que o pós-modernismo não é um ato de transcendência com respeito ao moderno, é uma revisão que parte de dentro, e precisa da sua negação e da sua afirmação como referente. Quando alerta sobre a relatividade do conhecimento, alerta sobre sua própria relatividade como paradigma e não se auto-propõe como dogma. Quando questiona a idéia de história linear, enfatiza o cíclico, questiona a idéia de progresso que encontramos na dialética do desenvolvimento, agregando a possibilidade de paralelismos, fragmentações, e explora os limites da história. O limite está se incluindo, se movendo, sempre restabelecendo as fronteiras entre o que podemos conceber como exteriores constitutivos.

RELAÇÃO COM O FEMINISMO SE BASEANDO NAS DIFERENÇAS.

> O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular,

[6] La combinación de psicologismo y simbolicismo en el "lacanianismo" tiene como resultado una concepción del discurso que es de limitada utilidad para la teoría feminista. Ciertamente, esta concepción ofrece un recuento de la construcción discursiva de la identidad social (FRASER, 1997, p.10).

> o feminino e o momento histórico específico (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

Ainda encontramos outra pergunta sugestiva: como conceituar a diferença sem cair na armadilha do binarismo e sem ceder à "sedução dos apelos pós-modernos à total fragmentação e dispersão?

Segundo Márcia Macedo (2011), de um modo geral, podemos identificar que o "grande encontro" do feminismo com o discurso pós-moderno acontece no momento em que ambos se colocam face às problematizações em torno da diferença: "Já que o pensamento pós-moderno vai se constituir como um enfrentamento "do regular, constante e universal", caracterizando-se, principalmente, pela valorização da diversidade ao invés da uniformidade" (DOS SANTOS, 2011, p. 40).

Dito assim pareceria que a proposta é a valorização da diferença em abstrato, o que introduziria um princípio metanarrativo no interior do pensamento pós-modernista, precisamente quando este enfatiza a necessidade de outros modos de narrar, inclusive porque essas narrações estiveram presentes confluindo de forma invisível com os metarelatos, os discursos englobadores. Os pós-modernistas se empenham no trabalho de visibilização, a meu ver, uma arqueologia que não coloca diferenças "novas" [7] ou as inventa, senão que declara como era que estavam presentes mesmo formando parte dos longos processos de homogeneização; de como o fato de dicotomizar os diferentes, ocultava as diferenças entre os chamados de iguais. E como a identidade é uma categoria que resume este processo melhor do que qualquer outra:

> A pergunta sobre se as mulheres têm que se tornar idênticas aos homens para ser reconhecidas como iguais, ou se têm que afirmar sua diferença a custo da igualdade, aparece como pergunta sem sentido uma vez que as identidades essenciais estão sendo questionadas (MARIANO, 2005, p. 499).

A explosão da identidade passa pela questão muito discutida do sujeito[8]. Então, por isso, quero me desviar um pouco da centralidade que

[7] O pós-moderno não se confunde com o novo; afinal, a busca do "novo" é a preocupação do alto modernismo; quando mais não seja, o pós-moderno lança dúvidas sobre a possibilidade de um "novo" que não esteja de alguma forma já implicado no "velho" (BUTLER, 1998, p. 18-19).

[8] Uma pergunta muito repetitiva e de preocupação constante do feminismo é a seguinte: Diante dessas críticas e da desconstrução do sujeito, como fica o sujeito do feminismo e a

ele ocupa quando se trata deste tema para outorgar uma maior atenção ao processo de construção das identidades nacionais, e as metáforas que são empregadas para afiançá-la.

Uma metáfora chamativa nesse sentido, lembrando que meu objeto de pesquisa é a literatura de mulheres latino-americanas, é essa que encontramos no prefácio que escreve Isabel Allende[9] ao livro *As Veias Abertas de América Latina,* de Eduardo Galeano, retomando as palavras do próprio autor: "Imaginei que a América fosse uma mulher a sussurrar-me seus segredos, os atos de amor e violação que a criaram" (ALLENDE apud GALEANO, 2005, p.9). Em seu discurso, a América tem a extensão de uma nação extremamente unificada pelas desigualdades e situações de opressão:

> Eis por que não posso perder a oportunidade de redigir este prefácio e agradecer publicamente a Eduardo Galeano por seu amor profundo à liberdade e sua contribuição a minha conscientização como escritora e cidadã de América Latina (ALLENDE apud GALEANO, 2005, p.9).

Aquí a América é um monólito, um espaço compacto apresentado como mulher sofrida, da qual alguém em especial, "uma escritora", pode ser sentir cidadã. Há uma identificação fixa, um firme reconhecimento da posição/situação de uma mulher com o privilégio de ser "uma mulher que escreve" e, assim, a própria construção de uma identidade superlativa que desfruta de aceitação social, ainda que seja numa posição subalterna. Quão distinta esta apresentação desta outra América habitada pela *"*mulher negra junto a uma escrivaninha no quinto andar de algum prédio em Nova Iorque*"* (ANZALDÚA, 2000, p. 229). Sem nome, sem identificação superlativa, sem a certeza de que a sua escrita a converta automaticamente em escritora, ou pela *"*asiático-americana, lésbica, mãe solteira, arrastada em todas as direções por

prática política feminista? (MARIANO, 2005, p. 493). Se o feminismo propõe uma noção subversiva de política já que acredita no postulado de que o pessoal é político e nas formas de poder descritas por Foucault, precisa de uma noção igualmente subversiva de sujeito. A categoria de poder não é neutra, e continua sendo utilizada, da mesma forma pode se utilizar a expressão de sujeito tentando fazer uma leitura oblíqua que de conta do fragmentado, pluralizando, incorporando outros significantes propostos pela prática social e as novas ações políticas.

[9] Isabel Allende Llona (Lima, 2 de Agosto de 1942) é uma jornalista e escritora chilena. É considerada uma das principais revelações da literatura latino-americanada década de 1980.

crianças, amante ou ex-marido, e a escrita" [10] sem posições e situações fixas ou cidadania, deslocada, entre as suas multíplices identificações, e a produção de quais invisíveis discursos?:

> As Américas Latinas – enquanto formação cultural transfronteiriça e não territorialmente delimitada – devem ser entendidas como translocais em dois sentidos. O primeiro sentido que usamos – o de translocalidade – parte de movimentos além das concepções da "política da localização" empregadas pelo feminismo terceiro-mundista estadunidense. Já que uma política feminista da localização envolve "uma temporalidade de luta, e não uma posição fixa" (ALVAREZ, 2009, p. 744).

Por outro lado, a relação de Isabel Allende encontra escassos paralelismos com a situação das mulheres como as que Gloria Anzaldúa (2000) dirige sua carta: "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo". Ela adverte que:

> É improvável que tenhamos amigos nos postos de alta literatura. A mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, que apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os locos (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

Podemos constatar a presença de duas linguagens que coexistem, na hora de narrar às identidades, as posições, as vidas destas mulheres escritoras. Uma linguagem moderna, igualitária, abarcadora, integradora ou "global" que encontra correlato material direto, um substrato de concreção no processo de globalização e outra que se expressa num discurso inerente ao primeiro, mas tangente, que o explode e se materializa em resistências, diferenças, em noções como: local, translocal. Essas fragmentações pertencem a uma visão pós-modernista que da conta do pastiche, do palimpsesto, das interseccionalidades entre contextos e posições que se transformam vertiginosamente. Deste modo, falar da coexistência dos movimentos de afirmação da diferença com os princípios universalistas não só é possível como também próximo às formas híbridas de pensamento e às formas em que opera a dialética

10 _____

entre "abstrato/universal" e o "concreto/particular. Na medida em que algumas pessoas se esforçam por encarnar o ideal estereotipado e sempre inacabado que preenche algumas categorias fixas de identidade, muitas outras estarão fora, nas margens, exercitando com a vida a desconstrução da "realidade". *"Lo que no cabe en estas escasas páginas, pues requeriría de tomos, más tomos... [Y seguramente como afirma Portela necesitaríamos] alguna firma prestigiosa para ser tratado como merece"* [11] (PORTELA, 1999, p. 51).

A complexidade do pós-moderno permite acolher as afirmações que proclamam: "Precisamos construir epistemologias conectantes, para confrontar as traduções errôneas ou malfeitas que estimularam a falta de compreensão e obstruíram alianças feministas mesmo entre mulheres que compartilham as mesmas línguas e culturas" (AlVAREZ, 2009, p. 748). O qual aparece como preocupação entre as escritoras que também proclamam: "Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você" (ANZALDÚA, 2000, p. 230).

Entre as razões que servem para propor limites à celebração das diferenças encontramos a idéia de que muitas delas constroem subordinação: como investir demasiadamente em uma "lógica diferencialista" sem incorrer em algum modo de discriminação? Até que ponto a diferença não é uma via de gerar mais diferença? (DOS SANTOS, 2011, p.45-46).

Comparto a opinião de que a diferença permite gerar equidade, de que a desigualdade não é necessariamente discriminação. Os/as desiguais merecem oportunidades equitativas de acordo com as suas diferenças. Finalmente elas não têm que ser o ponto de referência, ou de origem das discriminações ou da subordinação. Boaventura de Souza Santos coloca o 'dilema da diferença' como falso dilema segundo o princípio pelo qual tanto as pessoas como os grupos sociais têm direito à igualdade, ser iguais, quando a diferença os inferioriza, e o direito à diferença, ser diferentes, quando a igualdade os descaracteriza[12] (MARIANO, 2005, p. 501).

[11] De Ena Lucía Portela, escritora cubana pioneira em colocar protagonistas lésbicas na narrativa cubana dos anos 90.

[12] Não obstante concordo com Canclini (2004) quando pensa a atividade de investigação das diferenças como uma pesquisa que não exclui as desigualdades no seu texto: Diferentes, Desiguales y Desconectados de la Editorial Gedisa, 2004.

Por que insistir em dizer que as diferenças constroem subordinação? Antes, esta última aproveita as diferenças instauradas para se justificar na naturalização delas, ou melhor, há uma dialética implícita que impede colocar a origem da subordinação na simples existência de diferenças, por existir todo um processo cultural de interpretação mediando e porque falar que as diferenças são as responsáveis da subordinação implica negar a possibilidade de empoderamento e equidade, já que elas vão estar se reproduzindo constante e necessariamente. A diversidade não pode ser o motivo das injustiças, antes a negação e a invisibilização delas convertem a realidade social construída numa conseqüência injusta.

Parece-me preciso argumentar, em minha experiência como mulher cubana, que tem se comprovado historicamente que os processos de nivelação social que não levam em conta as diferenças criam maiores abismos nas brechas de gênero, "raça" e classe. As diferenças nunca são essenciais, elas mudam, elas estão sob a classificação dos contextos, sob interpretações nas ordens políticas, econômicas, cotidianas, discursivas:

> Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado "normal", o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e muito freqüentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós (ANZALDÚA, 2000, p.232).

Rejeitar os esquemas dicotômicos de pensamento; não ocultar as diferenças internas de cada categoria e pensar em termos de pluralidades e diversidades; e rechaçar as abordagens essencialistas são pontos da corrente pós-moderna que nos aproximam do pós-estruturalismo.

A UTILIDADE DO PÓS-ESTRUTURALISMO.

> Una frase que repetiré muchas veces en muchos tonos; un gesto impreciso -no en el tiempo ni en el espacio, más bien en el significado, en la multiplicidad de posibles lecturas (PORTELA, 1999, p.1).

> O pós-estruturalismo rastreia os efeitos de um limite definido como diferença. Aqui "diferença" não é entendida no sentido estruturalista de diferença entre coisas identificáveis, mas no

> sentido de variações abertas (que são chamadas às vezes, de processos de diferenciação, e muitas vezes, diferenças puras). Esses efeitos são transformações, mudanças, reavaliações (WILLIAMS, 2005, p.16).

O pós-estruturalismo é o nome de um movimento filosófico que começou na década de 1960. Entre os representantes encontramos Jean-François Lyotard (1924-1998), Michel Foucault (1926-1984), Jacques Derrida (1930-2004), e Julia Kristeva (1941). Como corrente filosófica, embora não constituindo propriamente uma "escola", o pós-estruturalismo, em contraste com o estruturalismo afirma a independência e superioridade do significante em relação ao significado.

Também denomina uma prática, um fazer, que segundo James Williams (2005) nos possibilita explicar as diferentes variedades de nomes que recebe, já que correspondem a atividades críticas e criativas práticas: desconstrução (Derrida), economia libidinal (Lyotard), genealogia e arqueologia (Foucault) empirismo transcendental (Deleuze), dialética (Deleuze, Kristeva). Todas apontam para uma ruptura de nosso senso de significados estáveis, de referências na linguagem, nas artes, de nossa compreensão da identidade e da história, e também apontam para nosso entendimento da própria linguagem como algo livre do trabalho do inconsciente (WILLIAMS, 2005):

> De modo geral, é possível reconhecer que o esforço desconstrucionista das teorias pós-modernas, particularmente do pós-estruturalismo, irá permitir um diálogo fecundo com o feminismo, reforçando a crítica aos binarismos e essencialismos do ideário racional e iluminista (DOS SANTOS, 2011, p. 42).

Nancy Fraser (1997) lança as seguintes perguntas: o que pode aportar uma teoria do discurso ao feminismo? O que buscam as feministas numa teoria do discurso? A autora sugere que os aportes estão no entendimento de quatro aspectos relacionados entre si. O primeiro deles versa sobre a construção das identidades sociais das pessoas e como mudam através do tempo. O segundo sobre a formação e desintegração de grupos sociais sob condições de desigualdade e entendidos como agentes coletivos. Em terceiro lugar, uma concepção do discurso pode ajudar na explicação das formas como se assegura e se controverte a hegemonia cultural dos grupos dominantes dentro da

sociedade. Por último, pode ser de grande ajuda na análise dos projetos de mudança social, de emancipação e sobre as práticas políticas (FRASER, 1997).

> Neste nosso continente a sorte da escritura parece selada por força de desígnios emblemáticos, simbólicos, que vão acentuando, através dos séculos, os seus signos de identidade. Por todas as nossas terras emergem textos cuja soberania e poder narrativo consolidam, onde seja, o próprio conceito de América (PIÑON, 1997 apud VIANNA, 2011, p. 6).

Em poucas palavras, Fraser anuncia como as identidades sociais se constroem discursivamente em contextos sociais historicamente específicos, são complexas e plurais, e mudam no transcurso do tempo. Segundo a autora, o uso da concepção do discurso como parte ativa das elaborações teóricas feministas permite compreender as identidades sociais em sua complexidade e desmitificar as concepções da identidade de gênero estáticas, unidimensionais, essenciais (Fraser, 1997).

Mariano (2005) considera o método da desconstrução como aspecto de enorme contribuição do pós-estruturalismo ao feminismo, cuja função além da desmontagem da lógica interna das categorias é segundo Williams (2005), um estilo de escrever lendo outros textos.

Desconstruir, como os autores citados concordam, significa realizar minuciosas análises nas operações da diferença nos textos escritos ou nos discursos e, sobretudo nas formas como os significados são trabalhados. Em minha opinião, trata-se de uma metodologia reveladora da interdependência de termos conceituais aparentemente (ou concretamente) dicotômicos e como os seus variados significados se relacionam com histórias particulares, ou diversas histórias que se entrecruzam. Mostra-os como as oposições não são naturais, mas construídas; e construídas para propósitos particulares em contextos específicos:

> Trata-se, porém, de um equívoco supor que a desconstrução da categoria 'mulheres' signifique a inexistência das mulheres. A esse respeito, encontraremos inúmeras ocorrências de manifestações de autoras feministas que tratam de reconstruir de forma heterogênea, instável e contingente a categoria 'mulher' e o sujeito do feminismo, como, por exemplo, Chantal Mouffe e Judith Butler (MARIANO, 2005, p. 494-495).

Para finalizar, chama minha atenção como Silvana A. Mariano (2005) desenvolve a idéia de que o sujeito do feminismo passa a ser compreendido sempre como algo que é construído discursivamente, aliás está sempre em construção imerso em contextos políticos específicos e variados, fabricado a partir de articulações, alianças e coalizões, se destacando então o papel da tensão, os desacordos e os conflitos. Portanto, é sempre contingente. Ela menciona como para Teresa de Lauretis, o sujeito do feminismo é uma construção que se dá no próprio discurso e nos textos feministas. Isto alerta ainda mais sobre a importância do instrumental cognitivo que oferecem os e as pós-estruturalistas. Ao tempo que dão uma margem para o resgate do utópico, as grandes utopias da modernidade, como as suas metanarrativas, não têm que ser entendidas como irrecuperáveis ou inservíveis, já que outras formas utópicas de imaginar um futuro equitativo estão nas bases das análises discursivas.

DESSAS IDÉIAS QUE DEVEM IR AOS FINAIS

Do conjunto de propostas e mudanças que traz o pós-moderno, o mais utilizado pelas correntes do feminismo tem a ver com a idéia de sujeito negado ou desconstruído e com a revisão da ciência como neutra, passando depois pela revisão da não transparência da linguagem até chegar aos pressupostos do pós-estruturalismo.

Apesar de não ser dito com freqüência, o pós-moderno ajuda a mudar nosso senso do espaço. Oferece, seja através das artes, ou através dos discursos sobre complexidade outro sentido figurativo. Esse pensamento abstrato permite que sejamos mais propensos a imaginar entrecruzamentos, superposições, interseccionalidades, a ruptura com o linear e com as relações de causa e efeito. Apesar de fazer críticas duras contra a sua utilidade para o feminismo, não teríamos a capacidade mental de lidar com o conceito de interseccionalidade tão importante para mudar a situação das mulheres compreendendo como se entrecruzam simultaneamente posições de desvantagem que são ao mesmo tempo de gênero, "raça", classe entre outras, fora das possibilidades pós-modernas da imaginação.

A partir do anterior, e como uma dessas lições que tomei dos *pós*, acredito que não podem se superar os binarismos apagando-os. Uma *arqueologia* do sujeito dentro do par sujeito- homem – outro - mulher

implica visibilizar o papel na relação do que aparece como negativo. Quais poderes não reconhecidos exerceu "o outro" desde a subordinação, por que apesar de se representar como desempoderado não está isento de poder? O "outro" está atravessado por poderes sobre os quais pode ser posicionar, tem capacidade de adquirir consciência das suas posições e entrar no jogo político a partir da denúncia da forma como é sistematicamente desempoderado desses poderes que lhe são próprios ainda que nunca intrínsecos.

O binômio não pode ser criticado unicamente como contraposto, tem que ser entendido como que ambas as partes são a condição de possibilidade para a existência do outro, que se reproduzem e se reforçam mutuamente, a só existência de uma delas implica a aparição do outro lado que atua como sua parte intrínseca, constitutiva. Desconstruir uma relação binária implica mudar o ponto de vista da construção que o mantém instalado nas mentes e ações das pessoas, há presentes, nos atos sistemáticos de desempoderamento, resistências que são apagadas, mas que tem latência e que podem se resgatar do invisível. As ferramentas desse resgate estão sendo desenvolvidas entre outros/as pelos pós-modernos pós-estruturalistas.

Em termos de pensamento, o pós-modernismo deu espaço para outras vozes serem escutadas, em termos de pensamento o pós-estruturalismo colocou uma nova visão sobre os limites do conhecimento, assim como o pós-colonialismo falou sobre as formas de pensamento colonial com as quais convivíamos e a partir das quais atuávamos, quando formas de pensamento divergentes eram possíveis, existentes e necessárias.

Algo que me proponho a levar adiante no meu entendimento do pós-moderno e creio ler nas entrelinhas dos seus pressupostos relativistas é, no interior do meu objeto de estudo, a impossibilidade de encontrar e entender um ato criativo como puro. Toda criação é um palimpsesto de criações anteriores superpostas ou sempre relacionadas paralelamente com outras que lhe outorgam sentido. Ao mesmo tempo, toda recriação é uma criação genuína, daí o significado simbólico muito especial do performativo.

Acredito haver algo mais, no pós-modernismo e no pós-estruturalismo, algo além da crítica aos binarismos e os essencialismos do ideário racional e iluminista. É a possibilidade de perceber e se apropriar do "mundo social" de um modo alternativo à visão do mundo em positivo.

Voltando ao exemplo inicial da moeda e o que ela estava representando para mim, devo explicar que a dúvida apareceu quando a relacionei com outros *sujeitos* que não podem se encontrar numa posição fixa como no caso de uma moeda, e por outro lado não existe essa condição ideal em que pesquisadores e objetos estejam detidos, parados, para serem observados desde suas distintas posições de privilégio. Os movimentos de ambos não são só espaço-temporais, estão imbuídos de categorias históricas em meio de relações de conflito, de poder, mudando a velocidades extraordinárias em sua aparente tranqüilidade cotidiana, em planos simbólicos, fantasmagóricos, ao interior de processos classificatórios, em lógicas interseccionais, até incomensuráveis, ou susceptíveis de tradução, como nos ensinam o pós-moderno, o pós-estrutural e escritoras como Sonia Alvarez (2009):

> Nossos múltiplos "locais" ou posições de sujeito mudam, de forma crucial para a política da tradução, de acordo com nossos movimentos e passagens por "localidades" espaço-temporais. Nossas subjetividades são ao mesmo tempo, baseadas no lugar e des-locadas ou mal colocadas (ALVAREZ, 2009, p. 745).

Portanto, gostaria de mudar o exemplo. Colocaria a pessoa do centro da sala caminhando, se movendo pelo espaço assim como aos observadores: o que vêem? A resposta seria mais complexa, sobretudo porque a maioria das vezes, elas perderiam de vista o objeto e ao reencontrá-lo, ele estaria imbricado de alguns novos matizes e múltiplas transformações, até de luminosidades, segundo as posições. Com isto estou tentando apontar que não basta pensar que podemos recortar um objeto, que podemos criá-lo com nossa intenção de nos aproximar dele, necessitamos, sobretudo recriá-lo ao tempo que ele nos recria, dentro de epistemologias conectantes que não se tornem em si mesmas metanarrativas incompatíveis; daí o impostergável dos pós para as teorias feministas.

Referências

ALVAREZ, Sonia. Construindo uma política feminista translocal da tradução. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. 17(3): 743-753, setembro-dezembro/2009. Disponível em:

http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/10022010-015650p-743753-alvarez.pdf. Acesso em 28 nov. 2012.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 8. N.1, 2000, pp.: 229-236. Disponível em: http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-025522anzaldua.pdf. Acesso em 13 mar. 2013.

BARRETT, Michèlle. As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 7, N.1 e 2, 1999:109-125.

BENHABIB, Seyla. Feminism and Postmodernism: an uneasy alliance. In NICHOLSON Linda et. Al. **Feminist Contentions. A Philosphical Exchange**. New York: Routledge, 1995, p. 17-34.

BUTLER, Judith. **Fundamentos Contingentes: O Feminismo e a Questão do Pós-Modernismo.** Cadernos PAGU, No.11, 1998, pp.:11-42. Disponível em:

http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos//Pagu/1998(11)/Butler.pdf. Acesso em 12 nov. 2015.

BUTLR, Judith; SPIVAK, Gayatri C. **¿Quién le canta al Estado Nación? lenguaje, política, pertenencia.** Buenos Aires-Barcelona-México: Paidós, 2009.

DOS SANTOS Macêdo Marcia, Feminismo e Pós-modernidade. Como discutir essa relação? In BONNETI Alinne e FREIRE de Lima e SOUZA Ângela María (org). **Gênero, mulheres e feminismo.** Coleção Bahianas, 14. Salvador/EDUFBA/NEIM. 2011. PP 29- 51.

DOUGLAS KIM. **O livro da filosofia**. www.dk.com.

FLAX, Jane. The End of Innocence. In. BUTLER, Judith and W. SCOTT, Joan (eds.), **Feminists Theorize the Political**. New York: Routledge, 1992, pp.: 445-463.

FRASER, Nancy. **Iustitia Interrupta: Reflexiones críticas desde la posición "postsocialista"**, Capitulo II, Siglo de Hombres Editores, Santa Fé de Bogota, 1997, pp. 201-225.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Editora Paz e Terra S/A. Brasil. 2005.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revista Estudos Feministas**, Vol.13, No. 3, 2005, pp.:483-505. Disponível em: http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/15112009-122229mariano.pdf. Acesso em 3 jun. 2013.

PISCITELLI, Adriana. As viagens das teorias no embate entre práticas acadêmicas, feminismos globais e ativismos locais. **Gênero nas fronteiras do sul**, 2005: pp.143-163.

PORTELA Ena Lucía. **Una extraña entre las piedras**. Editorial Letras Cubanas. La Habana. Cuba, 1999.

VARIKAS, Eleni. **Féminisme, Modernité, Postmodernisme. Observations pour un dialogue dês deux côtés de l'océan**. Mimeo, 1993.

VIANNA Neto Arnaldo Rosa, Américas sem nome: Cartografias narrativas de Nélida Piñón. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 03, nº 02, ago/dez, 2011.

WALKER, Alice. **In Search of Our Mothers' Gardens**: The Creativity of Black Women in the South. MS, May, 1974.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Editora, Vozes, Petrópolis, 2005.

Recebido: 28 de agosto de 2018
Aprovado: 24 de setembro de 2018